

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 27, p. 1-17, jan.-dez. 2020 e-ISSN: 1980-3729   ISSN-L: 1415-0549</p>
<p> <a href="https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.36032">https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.36032</a></p>	

## MÍDIA E CULTURA

## Os futuristas estão chegando: o futurismo como fenômeno midiático, cultura empreendedora e inspiração<sup>1</sup>

*The futurists are coming: futurism as a media phenomenon, entrepreneurship culture and inspiration*

*Los futuristas están llegando: el futurismo como fenómeno mediático, cultura emprendedora e inspiración*

Vander Casaqui<sup>2</sup>

[0000-0001-7823-9861](mailto:0000-0001-7823-9861)  
[vcasaqui@yahoo.com.br](mailto:vcasaqui@yahoo.com.br)

Recebido em: 17/10/2019.  
Aprovado em: 12/6/2020.  
Publicado em: 17/12/2020.

**Resumo:** Este trabalho tem como tema o futurismo, compreendido como narrativa, em sua dimensão comunicacional e midiática. Nesse sentido, observamos as palestras chamadas *TED Talks*, como centro paradigmático de uma cultura que une produção narrativa, cultura empreendedora e a intenção de inspirar, de mobilizar as audiências para uma transformação. O objeto de análise são as palestras de Juan Enriquez – um autodenominado futurista, de presença constante no palco dos *TED Talks* globais –, para compreender o problema: como o futuro é construído como discurso inspiracional e quais as suas relações com a cultura empreendedora contemporânea? A perspectiva analítica é a análise do discurso social, como olhar para a materialidade da linguagem na construção do lugar de fala e das estratégias retóricas identificadas com o futurismo. O resultado das análises evidencia uma grande narrativa de futuro baseada na racionalidade empreendedora, em uma convocação da espécie humana para o empreendedorismo de si.

**Palavras-chave:** Comunicação. Cultura empreendedora. Futurismo e inspiração.

**Abstract:** This work has the theme of futurism, understood as narrative, in its communicational and mediatic dimension. In this sense, we observe the talks called *TED Talks*, as paradigmatic center of a culture that combines narrative production, entrepreneurial culture and the intention to inspire, to mobilize audiences for a transformation. The object of analysis is the lectures by Juan Enriquez – a self-proclaimed futurist, of constant presence on the stage of global *TED Talks* –, to understand the problem: how the future is constructed as inspirational discourse and what are its relations with the contemporary entrepreneurial culture? The analytical perspective is the social discourse analysis, as a way to look at the materiality of language in the construction of the place of speech and the rhetorical strategies identified with futurism. The result of the analysis shows a great narrative of future based on entrepreneurial rationality, in a call of the human species to the self-entrepreneurship.

**Keywords:** Communication. Entrepreneurship culture. Futurism and inspiration.

**Resumen:** Este trabajo tiene como tema el futurismo, comprendido como narrativa, en su dimensión comunicacional y mediática. En ese sentido, observamos las charlas llamadas *TED Talks*, como centro paradigmático de una cultura que une producción narrativa, cultura emprendedora y la intención de inspirar, de movilizar a las audiencias para una transformación. El objeto de análisis son las charlas de Juan Enriquez – un autodenominado futurista, de presencia constante en el escenario de *TED Talks* globales –, para comprender el problema: ¿Cómo se construye el futuro como discurso inspirador y cuáles son sus relaciones



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Versão modificada e atualizada de trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Cultura das Mídias do XXVII Encontro Anual da Com-pós, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 5 a 8 de junho de 2018. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (processo no. 303434/2019-8); e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo n.º 2019/14365-7.

<sup>2</sup> Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, SP, Brasil.

con la cultura emprendedora contemporánea? La perspectiva analítica es el análisis del discurso social, como la mirada a la materialidad del lenguaje en la construcción del lugar de habla y de las estrategias retóricas identificadas con el futurismo. El resultado de los análisis muestra una gran narrativa del futuro basada en la racionalidad emprendedora, en un llamado de la especie humana al emprendedurismo de sí mismo.

**Palabras clave:** Comunicación. Cultura emprendedora. Futurismo e inspiración.

## Introdução

"A melhor maneira de prever o futuro é criá-lo". Essa frase, atribuída ao guru do marketing Peter Drucker – e compartilhada recorrentemente nas redes sociais relacionadas com o tema do empreendedorismo –, é a diretriz do projeto, ou movimento, *Crie Futuros*, cuja responsável é Lala Deheinzelin, ex-atriz televisiva e atualmente *futurista e especialista em novas economias*. Em síntese, o *Crie Futuros* se define como:

um movimento criado para *inspirar* futuros desejáveis. [...] Assim, se o futuro é fruto do que sonhamos e desejamos, precisamos nutrir visões positivas para sair do campo dos futuros previsíveis para os futuros desejáveis. Com isso, ampliamos o campo dos futuros possíveis, concretizáveis (CRIE FUTUROS, 2019).

Como ponto de partida para descrever o enfoque de nossa pesquisa, identificamos na proposta do movimento *Crie Futuros* o cruzamento de elementos que caracterizam o objeto deste estudo: a) o futurismo, como algo que busca *inspirar*, ou seja, *criar futuros desejáveis*, que devem se tornar *concretizáveis* – uma espécie de utopia pragmática; b) a ideia de um movimento de agentes em comunhão por um futuro em chave positiva, uma comunidade engajada na concepção de um mundo novo; c) a relação entre os futuros desejáveis com o campo econômico, aqui denominado "nova economia" (ou o universo das *startups*, da inovação, da tecnologia, das indústrias criativas, do empreendedorismo). E por fim, e mais importante para o debate situado no campo da comunicação, d) a observação desse futurismo em sua expressão midiática, como processo de

produção, circulação e consumo de mensagens, eventos e outras mercadorias culturais.

Nosso enquadramento do futurismo para este estudo é feito a partir das palestras dos auto-denominados *futuristas*, apreendidos em seu palco-mor: o evento global *TED Talks*, o modelo paradigmático de inúmeros encontros em que os oradores emolduram suas narrativas no formato padrão de até 18 minutos, utilizando técnicas e recursos para falar, convencer e emocionar (GALLO, 2014). Gravados, editados e colocados em circulação a partir das plataformas digitais, os *TED Talks* se tornaram um fenômeno midiático, com milhões de *views* ao redor do mundo, e são o objeto central na pesquisa sobre a cultura da inspiração, discutida no decorrer deste artigo.

*TED*, cuja sigla significa *tecnologia, entretenimento e design*,<sup>3</sup> hoje abarca um arco bastante difuso de temas contemplados em suas palestras, para muito além dos três termos que compõem a sua marca. A organização sem fins lucrativos que promove os *TED Talks*, fundada em 1984, realizou as suas primeiras palestras em 1990 (em Nova York, EUA, e em Vancouver, Canadá) (*TED*, 2019), em meio à emergência do Vale do Silício, nos EUA – a Meca do imaginário da "Nova Era" concebida a partir de uma nova economia. Hoje o *TED* é tido como um fenômeno global, potencializado pela difusão de seus vídeos na mídia digital, com milhões de *views* registrados para cada uma de suas principais apresentações. Seu *slogan*, *Ideas worth spreading* ("Ideias que merecem ser disseminadas"), representa a atribuição de um lugar de fala legítimo, um palco onde as ideias são consideradas à luz de certa meritocracia, aplicada ao âmbito das narrativas. A marca *TED* se apresenta como um qualificador de especialistas e suas narrativas são enquadradas como mercadorias, com alto valor simbólico.

Kedrowicz e Taylor (2016) aplicam aos *TED Talks* o conceito de *electronic eloquence*, ou eloquência eletrônica – caracterizada pela junção entre uma "narrativa engajadora" (*engaging narrative*)

<sup>3</sup> Do original: Technology, Entertainment and Design. O que seria o significado da sigla, na verdade, é a concepção original do nome da organização, que se apresenta na atualidade somente como TED. De certa forma, essa denominação mais compacta colaborou com a difusão da marca em termos globais.

e uma impactante presença visual (KEDROWICZ; TAYLOR, 2016, p. 352). Para as autoras, as formas retóricas relacionadas às apresentações públicas ganham nova roupagem na atualidade; a difusão das palestras pelas redes digitais, bem como o *design* aplicado a essa comunicação (que conjuga elementos gráficos, montagem audiovisual, cenografia, entre outros recursos), são componentes dessa suposta inovação na concepção e circulação da informação.

Os *TED Talks* promovem a conjunção da forma ancestral da narrativa, cujo marco inicial é impossível delimitar, pois está relacionada com a formação histórica do ser social; e os recursos tecnológicos disponíveis, que expandem a noção de auditório, para além da audiência presencial. Um público global é alcançado pelas ramificações da cultura midiática, favorecido pela tradução das falas para mais de 100 línguas, conforme aponta o site da instituição (*TED*, 2019).

É inegável que o palco do *TED* também abriga debates importantes e que escapam à banalização do formato, conduzidos por especialistas de renome e reconhecimento em suas áreas. No espectro dos estudos sobre o futuro, temos cientistas renomados, que cumprem bem a função de difundir o conhecimento para um público mais amplo, utilizando sua habilidade narrativa – que não é algo comum a todos os agentes que atuam em pesquisas, laboratórios, observatórios científicos. Um exemplo dos mais notórios e célebres, na atualidade, é o pesquisador israelense Yuval Noah Harari, autor de *Homo Deus: uma breve história do amanhã* (HARARI, 2016), que possui três participações no *TED* até o momento. Em sua apresentação de 2018,<sup>4</sup> por exemplo, Harari discute o futuro da democracia e as suas ameaças, ante o avanço dos neofascismos e de certos usos da tecnologia da informação e da biotecnologia. No entanto, em seu perfil no site do *TED*, ele é apresentado como “historiador e autor”,<sup>5</sup> e não como “futurista”.

Nesse ponto, é importante delimitar qual é o foco de nosso estudo: analisar as narrativas de palestrantes que se denominam *futuristas*, e que estabeleçam a relação entre sua perspectiva de futuro e princípios advindos da economia. Em termos quantitativos, em uma busca no site da organização<sup>6</sup> com o termo “*TED*”, obtivemos um total de 3.512 *talks*, número que representa o universo de apresentações. Na busca específica com o termo *futurist*, o resultado é de 18 ocorrências; quando ampliamos a busca pelo termo *future*, chegamos a 1.321 palestras – cerca de 37,6% do universo geral identificado com o termo “*TED*”. Esse resultado é significativo para identificar o caráter das narrativas do evento, de forma geral: mais de um terço passa por alguma reflexão sobre o futuro, nas mais diversas áreas. Essa abordagem quantitativa será considerada em estudos posteriores.

Para o desenvolvimento deste trabalho, selecionamos as palestras de Juan Enriquez, um dos 21 palestrantes identificados pelo termo “futurista” na busca no site do *TED*, e certamente aquele com maior presença no palco do evento – uma vez que possui 14 palestras disponíveis, das quais extraímos as mais significativas (em termos de audiência e do tratamento da temática do futuro, como discutimos no tópico das análises do objeto). A abordagem de Enriquez marca a especificidade do estudo: identificado como “uma estrela do *TED*, futurista, autor, investidor de risco e líder de negócios”,<sup>7</sup> suas narrativas estabelecem a relação entre as “ciências da vida” e os negócios.

Nosso recorte de pesquisa inclui as palestras do *TED* que guardam relação com a cultura derivada da sociedade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016). Uma sociedade que transporta princípios econômicos para a vida como um todo; uma sociedade individualizada, em que os sujeitos são responsabilizados pelo seu sucesso e pelo seu fracasso, assim como são convocados a “em-

<sup>4</sup> Disponível em: [https://www.ted.com/talks/yuval\\_noah\\_harari\\_why\\_fascism\\_is\\_so\\_tempting\\_and\\_how\\_your\\_data\\_could\\_power\\_it/transcript](https://www.ted.com/talks/yuval_noah_harari_why_fascism_is_so_tempting_and_how_your_data_could_power_it/transcript). Acesso em: 8 abr. 2020.

<sup>5</sup> Disponível em: [https://www.ted.com/speakers/yuval\\_noah\\_harari](https://www.ted.com/speakers/yuval_noah_harari). Acesso em: 8 abr. 2020.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.ted.com/search?q=TED>. Acesso em: 9 abr. 2020.

<sup>7</sup> Do original: a TED All-Star, futurist, author, venture investor and business leader. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/juan\\_enriquez\\_the\\_future\\_of\\_life](https://www.ted.com/talks/juan_enriquez_the_future_of_life). Acesso em: 9 abr. 2020.

preender" a si mesmos, a racionalizar e "otimizar" as ações cotidianas – para ser mais produtivo, para mercantilizar as relações, para produzir (auto)felicidade nos parâmetros reconhecíveis e quantificáveis por essa mesma sociedade.

### Acerca do método e das relações entre utopia e ideologia

A perspectiva metodológica que orienta esse estudo é a noção de *discurso social* proposta por Marc Angenot (2010); para o autor, o espírito do tempo se traduz no que é pensável e dizível em certo momento histórico. Nesse sentido, o discurso social constitui-se como hegemonia - correspondente a formas discursivas, a já-ditos que circulam e são retroalimentados por um sem número de agentes, como novos elos na cadeia discursiva hegemônica. Defendemos que o empreendedorismo é um discurso social dos mais relevantes de nosso tempo; as lógicas que fazem do empreendedor um ser paradigmático na atualidade circulam por diversos circuitos comunicacionais, constituindo certa onipresença. Assim, tanto na cena midiática, quanto em eventos de palestras motivacionais, no mercado de autoajuda, em propostas (pseudo) educacionais, nas falas cotidianas, as categorias do discurso sobre o empreendedorismo se difundem e ganham o estatuto de verdade (por verossimilhança), naturalizam-se e passam a ocupar o imaginário social.

Angenot se fundamenta na teoria da linguagem de Mikhail Bakhtin; dessa forma, compreende os discursos sociais como "[...] os sistemas genéricos, os repertórios tópicos e as regras de encadeamento de enunciados que, em uma dada sociedade, organizam o dizível – o narrável e opinável [...]" (ANGENOT, 2010, p. 21, tradução nossa). O autor desenvolve sua noção de discurso social derivada dos estudos de argumentação e de retórica; nesse sentido, não se enquadra na análise de discurso de linha francesa (ADF), nem desenvolve uma metodologia formalista para o estudo empírico. Angenot nos oferece uma concepção a partir da qual os discursos se articulam dialogicamente com o *Zeigeist*; para compreender a constituição material da lingua-

gem, observamos o movimento das narrativas produzidas no formato delimitado pelo *TED*. Analisamos as palestras do futurista Juan Enriquez para compreender a sua *construção narrativa da realidade* (BRUNER, 1991); observamos a materialidade dos discursos, a produção de sentido, principalmente nos encadeamentos lógicos, na retórica narrativa e nas teses que edificam um cenário futuro. Para esse cenário, é produzido um ser humano; essa produção, a nosso ver, revela muito mais os preceitos da cultura hegemônica do momento em que vivemos do que um futuro factível, que estaria por vir.

De acordo com Mannheim (2016, p. 47), "[...] não devemos encarar como utópico todo estado de espírito que esteja em incongruência com a situação imediata e a transcenda (e, neste sentido, 'afastado da realidade)". O sociólogo húngaro faz a distinção entre os "estados de espírito" utópicos e ideológicos. Baseado em Mannheim, Ricoeur (2015, p. 319) aponta que a utopia, para além de sua compreensão como um "sonho" irrealizável, é algo que pode abalar a ordem estabelecida, estando sempre "em vias de realizar-se". Nesse sentido, a utopia teria um caráter transgressor, revolucionário. Em oposição, a ideologia não tem de ser realizada: ela é a legitimação do *status quo*. Ricoeur condensa assim o raciocínio estimulado por Mannheim:

Inicialmente, as ideologias estão ligadas principalmente aos grupos dominantes; elas confortam o ego coletivo desses grupos dominantes. Em seguida, as ideologias são, de preferência, dirigidas ao passado, enquanto as utopias estão orientadas para o futuro (RICOEUR, 2012, p. 319).

Ricoeur (2012, p. 315) reflete sobre as diferenças do reconhecimento desses termos: enquanto a utopia é "um gênero declarado e mesmo escrito", representada por expressões artísticas (como é o caso de narrativas literárias e/ou cinematográficas de ficção científica, tanto no imaginário de um futuro "positivo", quanto em seu avesso, das fábulas "distópicas"), a ideologia não teria a mesma característica, uma vez que "nenhuma obra se intitula *Ideologia*, nenhum autor pretendeu escrever ideologia. "[...] a ideologia é naturalmente denegada, enquanto a utopia é mais facilmente reivindicada" (RICOEUR, 2012, p. 315).

Os futuristas incluídos em nossa pesquisa são oradores, celebridades, empreendedores de palco, que emolduram os preceitos da sociedade neoliberal com narrativas atraentes, sedutoras, emocionantes, capazes de mobilizar afetos e provocar seu auditório, ou seja, *inspirar*. Em um primeiro olhar, suas narrativas poderiam ser associadas a um caráter utópico, uma vez que se propõem a construir um cenário futuro associado a uma ideia de "bem comum". Nosso trabalho é identificar o caráter ideológico das previsões que buscam "inspirar" o futuro, em sua relação com princípios capitalistas. Essa cultura da inspiração baseada nos futuristas de nosso tempo se vale da difusão midiática para propagar suas ideias e para angariar seguidores, principalmente em sua publicação nas redes digitais.

A historicidade da atividade de projetar o futuro é atualizada pelos futuristas que servem à nossa reflexão. Mesmo que de forma breve, e com lacunas cronológicas, elencamos alguns marcos históricos: primeiramente, o discurso fundador da noção de utopia, no livro de mesmo nome, concebido por Thomas More, ainda no século XVI. O lugar idílico, a ilha de Utopia sonhada e descrita pelo autor se atualiza no contexto atual através de um mundo que seja *possível* e, mais do que isso, idealizado, planejado e concretizado pelo homem, mais especificamente pelo empreendedor.

O mundo moderno é outro marco incontornável nessa perspectiva histórica, uma vez que é do espírito desse tempo que emerge o *super-homem* de Nietzsche, o ser que se desprende das amarras das culturas ancestrais para tomar para si as rédeas da concepção de um mundo derivado de seu trabalho. Esse trabalho é identificado com a destruição criativa, com a ruptura com o passado para a produção do futuro em novas bases. A transformação histórica de mentalidades promovida pelo avanço industrial, pelas revoluções modernas, e principalmente pela emergência do empreendedor capitalista, capaz de destruir as bases do que havia antes e conceber um mundo novo, planejado, oferece elementos para a reflexão sobre o futuro como algo a ser construído pelo homem.

O pensamento sobre um futuro baseado na sociedade empreendedora contemporânea é identificado com Peter Drucker, o mesmo autor da frase inicial deste texto. Na década de 1980, é lançado seu livro *Innovation and Entrepreneurship: practice and principles* (DRUCKER, 2011), no qual é projetada uma sociedade ideal concebida e habitada por empreendedores, um mundo transformado, mas não revolucionado – uma vez que, segundo Drucker, nenhuma revolução trouxe algo "positivo" para a sociedade. Sua visão antirrevolucionária marca a distância com a concepção anterior do homem moderno, que habitou, segundo Hobsbawm (2007), a Era das Revoluções. Drucker parte do aprofundamento das bases econômicas já estabelecidas em seu mundo, com a generalização do modelo do empreendedor para a sociedade como um todo. Para isso, faz transbordar o sentido do empreendedorismo, da prática de negócios para uma mentalidade da vida de forma geral, para um perfil moral que regeria a organização social desse futuro projetado. Um futuro reformista, assentado nos princípios do capitalismo neoliberal. Nesse sentido, trata-se de uma manifestação ideológica, que se vale de uma imagem pseudo-utópica para legitimar o sistema vigente – ou, no máximo, promover o seu acirramento, o que certamente "confortaria o ego coletivo" das classes dominantes.

### O futuro não é mais o que era?

A frase "O futuro não é mais o que era", de autoria do poeta Paul Valéry, é recuperada por Adauto Novaes (2013), como mote para refletir sobre o que representa o futuro no mundo atual, em que vivemos uma ideia de "presente" eterno, "sem passado nem futuro" (2013, p. 17). Como diz o autor, "o profeta – aquele que anuncia o futuro – e o historiador – aquele que pensa o passado – estão em baixa. Eis o nosso problema: porque estamos em meio a dois mundos, temos dificuldade de ver o presente e o futuro" (NOVAES, 2013, p. 16). Valéry defende que aquilo que ainda não existe, ou seja, o futuro emerge "no coração daquilo que existe, como sua 'mais sensível parcela'" (NOVAES, 2013, p. 20). Lapoujade segue

a trilha do pensamento do poeta para concluir que Valéry não fala especificamente do futuro, e sim de um *diagnóstico do presente*, atribuindo a quem exerce essa tarefa o papel de "médico da civilização": "o médico não tem aqui por vocação curar, mas apenas identificar linhas de forças, aquelas que encerram novas potencialidades, que contêm os germes de um futuro – sombrio ou radioso, um pouco à maneira como Kafka falava das 'potências diabólicas do futuro que já batem à porta'" (LAPOUJADE, 2013, p. 234).

Extraímos dessas reflexões a partir de Valéry algumas linhas de pensamento em torno de nosso objeto. A primeira é a condição indissociável entre o futuro imaginado e o presente que o concebe, deixando-se entrever o "espírito" de um tempo. Vemos essa ideia a partir da figura do futurista, do produtor de narrativas, que assume a tarefa de "diagnosticar" a nossa sociedade atual e desenhar *futuros desejáveis*, como diria Lala Deheinzelin, a futurista mencionada no início deste trabalho.

A segunda ideia se identifica com o papel do pesquisador, quando se aborda criticamente as narrativas do futurista capaz de mobilizar afetos, inspirar audiências para certo futuro planejado em um mundo de "presente" eterno, como indica Novaes. Procuramos identificar, nos diagnósticos desses analistas simbólicos, as linhas de força de um pensamento que, em nossa hipótese, guarda relação com o que Dardot e Laval (2015) denominam *sociedade neoliberal*: a síntese dessa sociedade é o processo de individualização, de responsabilização dos sujeitos, de cooptação de corações e mentes para a adesão a uma lógica econômica que busca reger a vida, e não somente as práticas econômicas ou laborais.

Consideramos que a atividade do futurista – esse ator social que assume o papel de produzir narrativas "inspiracionais" – identifica-se com os chamados "empreendedores de palco", dignos representantes de um mercado de ideias (ANGENOT, 2010), que se mistura com a psicologia positiva, com o gênero da autoajuda, com a atividade do *personal coach*, com os "treinadores da alma" que pregam o ideal da gestão eficaz da vida. As narrativas desses futuristas estão

irmanadas com as prescrições e imperativos que organizam a subjetividade no cenário da sociedade neoliberal. De acordo com a definição do Verbete Draft - a seção conceitual sobre a "Nova Economia" pertencente à plataforma digital brasileira Projeto Draft (analisada em CASAQUI, 2016) –, o futurismo é

a disciplina que investiga, explora, traduz e acelera as possibilidades de um futuro pós-emergente, ou seja, de cinco a 10 anos. Sua proposta é observar como as evidências (passadas e presentes) encontradas na ciência, na tecnologia e no empreendedorismo (ou negócios em geral) podem afetar a cultura, os novos comportamentos e as novas estruturas da sociedade. Seu objetivo é aumentar a consciência da sociedade ajudando-a a tomar decisões que geram impacto positivo tanto hoje quanto amanhã (MENA, [2017]).

Na definição acima, podemos reconhecer a intencionalidade da formação de mentalidades, do "despertar da consciência", que, em nossa pesquisa, é algo diretamente relacionado com o que denominamos *cultura da inspiração*. Inspirar é um dos objetivos recorrentes dos discursos de agentes identificados com o campo do empreendedorismo; no caso dos futuristas, a missão é *inspirar futuros desejáveis*, que correspondem a visões de mundo, a desejos, valores, ideias de grupos sociais específicos, tidos como públicos-alvo, audiências, consumidores a serem "impactados".

De acordo com Jacques Barcia, "futurista e *narrative hacker* na Futuring.Today e membro da Association of Professional Futurists (APF)": "O futuro é uma batalha constante entre narrativas. Algumas dessas narrativas não desejam o melhor para todos" (MENA, 2017). A frase de Barcia é surpreendente, por ao menos dois motivos. Primeiramente, por formular uma síntese precisa de um pensamento complexo sobre o que é o futuro, compreendido na trincheira social, nos embates discursivos e na disputa entre visões de mundo, formas de poder, interesses e objetivos distintos na sociedade que está por vir. A segunda surpresa é gerada quando se reconhece o lugar de fala de seu autor: um "*narrative hacker*", que atua profissionalmente como futurista, em um mercado de ideias onde a inspiração do futuro

e o convite à transformação têm um caráter de gerar lucro, de estimular os interesses individuais, a distinção e a competitividade, de servir a uma sociedade de consumo.

Voltando ao título dessa seção, talvez possamos afirmar que o futuro não é mais o que era, quando consideramos essa instrumentalização da narrativa, o *storytelling* para gerar futuros como se cria mercados e demandas de consumidores. Esse trabalho está bem localizado em um mercado de palestras, consultorias, *coachings*, autoajuda. A mercantilização do futuro, e sua articulação com a psicologia positiva, parecem ser um fenômeno contemporâneo, potencializado pelos suportes midiáticos disponíveis.

### O futuro, narrado e midiático

A articulação do futurismo com a produção narrativa parece ser um ponto pacífico, na caracterização da atividade do futurista profissional. Como bem apontam os trabalhos que compõem o dossiê "Narrative and Futures Studies", publicado na edição de março de 2014 do *Journal of Futures Studies*,<sup>8</sup> editado pela *Tamkang University*, de Taiwan, desde 1996. Stackelberg e Jones iniciam seu artigo no dossiê com a frase emblemática: "moldar o futuro significa moldar percepções populares sobre o futuro"<sup>9</sup> (2014, p. 58, tradução nossa). Os autores consideram que a evolução acelerada da tecnologia dos meios digitais tornou o *transmedia storytelling* um recurso viável para conceber cenários, projetos de prospecção do futuro, apresentando o mapeamento de uma série de iniciativas nesse sentido.

Entre diversos aspectos tratados pelos autores, destacamos um ponto, que é o papel atribuído ao *storytelling*, à narração de histórias em suportes transmidiáticos, como apoio à gestão de emoções, identificadas com a "resistência à mudança" (STACKELBERG; JONES, 2014, p. 61, tradução nossa). Stackelberg e Jones elencam algumas dessas emoções contraproducentes ao movimento de transformação, que é a base

da construção de um futuro programado, desejado: incerteza, confusão, insegurança, medo. Nesse aspecto, a comunicação como elemento estratégico, e a intencionalidade de promover a gestão dos afetos demarcam a junção entre os processos comunicacionais, o futurismo e a cultura empreendedora, na perspectiva do recorte deste estudo. O trabalho avança na delimitação de modos de conceber o que denominam *transmedia narratives design*, composto por três elementos:

a) *Narrative design*, o projeto centrado nos elementos que organizam a história, a narrativa em si;

b) *Engagement design*, cujo objetivo é pensar os aspectos estéticos da narrativa transmídia que visem envolver as audiências e estimular sua participação, assim promovendo "engajamento mental e emocional" (STACKELBERG; JONES, 2014, p. 65, tradução nossa);

c) *Interaction design*, que tem o foco na forma de interface física e de navegação dos usuários com o conteúdo produzido.

Nessa abordagem da comunicação, destacamos a perspectiva instrumental, funcional, de aplicação a um projeto de construção de sociedade futura, correspondente à leitura da inspiração em sua intencionalidade de afetar o outro e de convocá-lo a tomar parte no projeto da sociedade empreendedora, idealizado inicialmente por Drucker (2011).

Carrico (2013) discute criticamente a futurologia, tida como um fenômeno simultaneamente discursivo e cultural. O autor vê uma relação intrínseca entre "O Mercado" e "O Futuro", como "imaginários codependentes e coextensivos"<sup>10</sup> (2013, p. 53, tradução nossa), o que leva à conclusão de que a futurologia é uma visão monológica do futuro baseada no neoliberalismo. Em sua visão, o futuro deveria ser considerado a partir da noção de *futurity*, inspirada nas ideias de Hannah Arendt. Segundo Carrico (2013, p. 62), *futurity* (algo como "futuridade") não pode ser delimitado; significa uma construção coletiva

<sup>8</sup> Disponível em: [www.jfsdigital.org](http://www.jfsdigital.org). Acesso em: 18 jul. 2019.

<sup>9</sup> Do original: Shaping the future means shaping popular perceptions of the future.

<sup>10</sup> Do original: The Market and The Future are codependent and even co-extensive imaginaries.

baseada no presente vivido, um futuro aberto à crítica e à diversidade, resultante da interação de grupos sociais que participam, de igual para igual, na construção e reconstrução do mundo compartilhado – os embates, a colaboração e a expressão seriam inerentes a esse processo social. Carrico nomeia os representantes desses discursos futuroológicos, identificados com o neoliberalismo, que são alvo de sua crítica: “A futurologia dominante (*'mainstream'*) que emerge dos relatórios do Banco Mundial e dos *'think-tank white papers'*<sup>11</sup>, em apresentações de diretorias corporativas ou nos *TED talks* [...]”<sup>12</sup> (CARRICO, 2013, p. 52-53, tradução nossa, grifo nosso).

Além dos já citados *TED Talks*, objeto principal desta pesquisa, temos o exemplo de um *think-tank white paper* o relatório publicado pelo World Economic Forum – WEF, intitulado “The Global Risks Report 2018” (WEF, 2018). Em sua 13ª edição, o relatório apresenta um mapeamento dos riscos mundiais, baseados em três eixos: uma lista dos dez maiores riscos em termos de *probabilidade (Likelihood)*; dez maiores riscos em termos de *impacto*; e a lista das cinco categorias de risco contempladas, a saber: *econômico; ambiental; geopolítico; societal; tecnológico*. Em uma breve leitura desse material, ressaltamos a perspectiva de futuro baseada na noção de *risco*, que associamos ao conceito de *circuito dos afetos* e em sua relação com o afeto do *medo*. Safatle defende que “o medo como afeto político central é indissociável da compreensão do indivíduo, com seus sistemas de interesses e suas fronteiras a serem continuamente defendidas” (SAFATLE, 2015, p. 19).

Consideramos dois pontos a partir da reflexão de Safatle: o primeiro é a identificação do cenário da sociedade neoliberal, de que tratamos neste trabalho, com os aspectos de uma cultura individualizada, em que o sujeito à deriva (SENNETT, 2007) é responsabilizado pelos seus sucessos e fracassos, desarticulado de suas vinculações co-

letivas quando lançado às lógicas competitivas e “meritocráticas” do mercado. Por outro lado, esse sujeito é “representado” por diversas institucionalidades globais que falam em nome de interesses supostamente universais, como é o World Economic Forum. Nesse contexto de individualização, o fomento de uma *cultura emergencial* é uma espécie de elo social, um circuito de afetos que atua politicamente, para alinhar os indivíduos com as diretrizes da cúpula que toma as decisões em Davos. A circulação aberta desse relatório da WEF, midiático nas redes digitais, alimenta com sua futurologia legitimada por sistemas especialistas o circuito dos afetos baseados no medo – tendo como diretriz principal a economia, como o próprio nome do fórum global explicita.

O segundo ponto é derivado desse quadro descrito por Safatle: em uma sociedade em que um dos elos fundantes é o medo, há um papel importante reservado às narrativas que mobilizam afetos “positivos”, que devolvem ao sujeito a crença de um futuro *desejável*, planejado e concebido a partir de seus desejos. Como defende Saltmarshe (2018), o *storytelling* é “uma rota direta para nossas emoções” e pode ser visto de três formas: “narrativa como luz”, “narrativa como cola”; “narrativa como rede”<sup>13</sup> (SALTMARSHE, [2018], tradução nossa). Primeiro, as narrativas têm o papel de *iluminar* o passado, o presente e o futuro, para “criar cenários imersivos de futuro que engajam as pessoas nos níveis emocional e intelectual”.<sup>14</sup> Segundo, objetivam promover elos sociais (*story as glue*), o que é entendido como a tarefa de dar coerência à construção de grupos e movimentos, ajudando pessoas distintas a formar comunidades baseadas na empatia e nos laços afetivos. Em terceiro, o *storytelling* assume a função de impactar a “rede de narrativas” em que vivemos, transformando *narrativas pessoais* que orientam as trajetórias individuais; *narrativas culturais* que enquadram os problemas a serem

<sup>11</sup> Documentos e relatórios com caráter oficial, publicados por órgãos governamentais ou organizações globais, produzidos em “círculos de reflexão”, ou “laboratórios de ideias” – traduções aproximadas do que são os *think-tanks*.

<sup>12</sup> Do original: The mainstream futurology that issues forth from World Bank reports and think-tank white papers, in corporate boardroom presentations and TED talks [...].

<sup>13</sup> Do original: story as light; story as glue, story as web.

<sup>14</sup> Do original: We can use story to create immersive scenarios of the future that engage people on an emotional and intellectual level.

transformados; e *narrativas míticas* que orientam as visões de mundo. As proposições de Saltmarsh revelam a função estratégica das narrativas de futuro, como instrumento de mudança social.

Observamos uma diferença significativa entre a noção de *futurity* de Carrico, em que o conflito é inerente à construção do futuro entre pares, e o que apresenta Saltmarsh, deixando entrever o lugar de liderança atribuído a quem produz a narrativa, na busca da adesão, do engajamento, do consenso em relação ao seu auditório. Há um aspecto religioso que conduz o raciocínio da narrativa como desencadeadora da transformação social; tanto um aspecto pastoral, referente ao lugar de fala de quem planeja a mudança (*Mudar para quê? Mudar para quem?*), quanto na crença a ser instaurada na comunidade que é o alvo da ação narrativa. Há uma espécie de evangelização implícita nesse processo de construção de uma comunidade em torno de uma narrativa e de um objetivo único, um futuro praticamente unidirecional, concebido como positivo, como bem comum.

Nesse aspecto, identificamos a discussão de Appadurai relativa aos "mundos idealizados", que empresta de Benedict Anderson, para tratar de universos "constituídos pelas imaginações historicamente situadas" (APPADURAI, 1999, p. 313). O autor utiliza a noção de *panorama* para refletir sobre a existência de mundos imaginários, nos quais "muitas pessoas do mundo inteiro vivem" (APPADURAI, 1999, p. 313); em nossa leitura, o objeto de nosso estudo permite compreender a concepção de *futuropanoramas*, ou *futureescapes* – os cenários de projeção futura a partir de um diagnóstico presente, em que se desenha uma sociedade marcada ideologicamente. Esse panorama que propomos é resultante da junção de dois outros panoramas discutidos por

Appadurai: primeiramente, os *ideopanoramas*, que são imagens organizadas em torno de ideologias, de projetos políticos – algo inerente à relação dos discursos futuroológicos com as diretrizes do neoliberalismo, como bem apontou Carrico (2013). Em segundo, há a presença dos *mediapanoramas*, que, segundo Appadurai (1999, p. 315-316) são "fitas da realidade, centralizados nas imagens e baseados em narrativas", que permitem a formação de "scripts de vidas imaginárias baseadas no próprio ambiente dos espectadores ou de espectadores que vivem em outros ambientes".

É nesse aspecto, das narrativas que se articulam a *futureescapes* e que objetivam *inspirar* transformações sociais, que voltamos nossa atenção para as palestras dos *TED Talks*, em uma análise preliminar das narrativas futuristas no evento global.

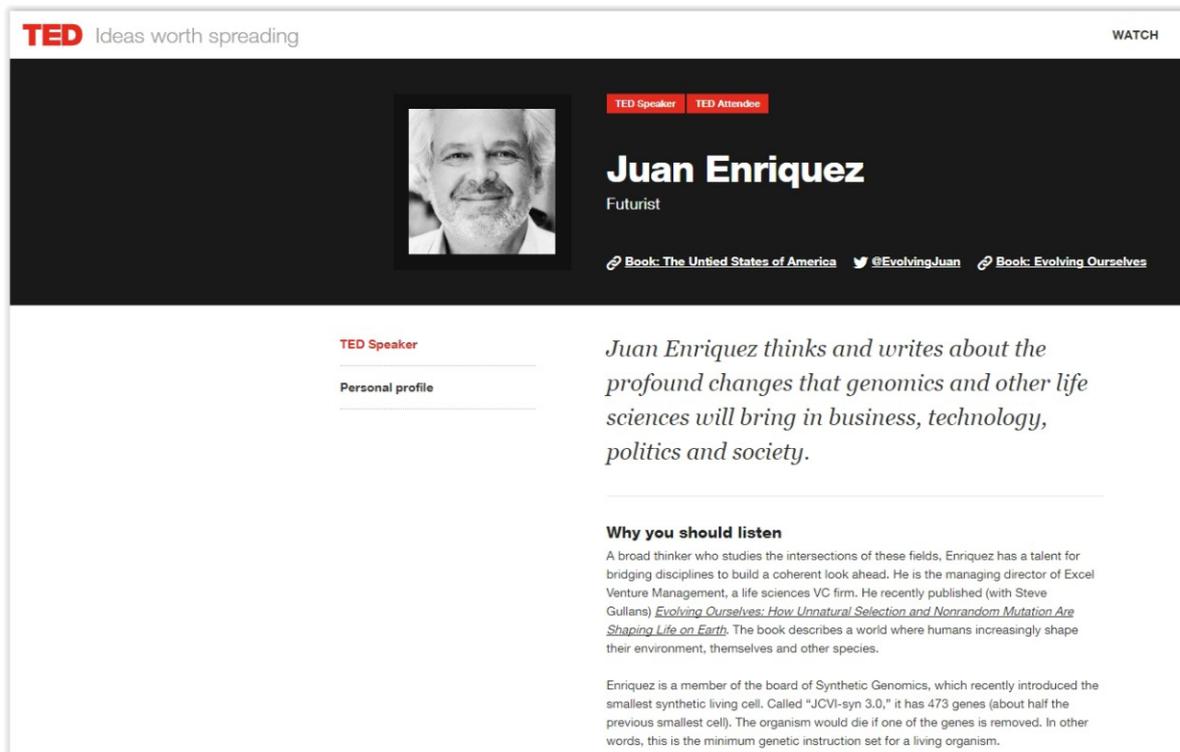
### **Análise das TED Talks com temática futurista: palestras de Juan Enriquez**

Nossa análise tem como objeto as palestras de um dos mais requisitados futuristas do *TED*, chamado Juan Enriquez. Nascido em 1959, o acadêmico "mexicano-americano", com carreira consolidada nos EUA, é apresentado na Wikipedia como "homem de negócios, autor e palestrante", e Diretor Fundador do Life Sciences Project da Harvard Business School (JUAN ENRÍQUEZ, 2019, tradução nossa).

A página do *TED* traz a seguinte apresentação do palestrante: "Juan Enriquez pensa e escreve sobre as transformações profundas que a genômica e outras ciências da vida trarão para os negócios, tecnologia, política e sociedade" (*TED Speaker*, [2019], tradução nossa).<sup>15</sup> Abaixo de seu nome e ao lado de sua foto, um único termo o define: "futurista" (Figura 1).

<sup>15</sup> No original: Juan Enriquez thinks and writes about the profound changes that genomics and other life sciences will bring in business, technology, politics and society.

Figura 1 – Imagem da página de apresentação de Juan Enriquez



Fonte: Captura de tela do site *TED*, na área Galeria de palestrantes.<sup>16</sup>

No *site* do *TED*, encontramos 14 palestras de Juan Enriquez, sendo oito delas associadas mais claramente ao nosso tema de estudo. Para este trabalho, selecionamos as quatro mais vistas desse futurista (ou seja, as mais relevantes em termos de audiência, pelos registros na plataforma digital do *TED*), que abrangem o período de 2009 a 2016. Dessa forma, definimos o *corpus* composto pelas seguintes apresentações de Enriquez, e cujas visualizações foram computadas até o dia 18 de julho de 2019;

- a) título: "As próximas espécies de seres humanos"<sup>17</sup> (ENRIQUEZ, 2009, tradução nossa). Apresentação no *TED* Conference oficial, com 3.285.619 *views*;
- b) título: "Nossas crianças serão uma espécie diferente?"<sup>18</sup> (ENRIQUEZ, 2012). *TEDx* Summit, com 1.986.031 *views*;

- c) título: "Podemos reprogramar a vida. Como fazê-lo de forma sábia"<sup>19</sup> (ENRIQUEZ, 2015). *TED* Talks Live, com 2.082.491 *views*;
- d) título: "Qual será a aparência dos humanos em 100 anos?"<sup>20</sup> (ENRIQUEZ, 2016). Apresentação no *TED* Summit, com 2.941.590 *views*.

A palestra de 2009 tematiza a crise econômica do final da primeira década do século, que teve como epicentro a economia americana. Em tom predominantemente irônico, bem humorado e levemente ácido, procurando estabelecer empatia por meio de um circuito de afetos em torno da alegria, Enriquez pontua a sua fala com imagens inusitadas, curiosas, que provocam o riso na plateia, quando associadas a textos anteriores do cenário de crise – como, por exemplo, a imagem

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.TED.com/about/our-organization>. Acesso em: 18 jul. 2019.

<sup>17</sup> Do original: The next species of human. Disponível em: [https://www.TED.com/talks/juan\\_enriquez\\_shares\\_mindboggling\\_new\\_science](https://www.TED.com/talks/juan_enriquez_shares_mindboggling_new_science). Acesso em: 18 jul. 2019.

<sup>18</sup> Do original: Will our kids be a different species? Disponível em: [https://www.TED.com/talks/juan\\_enriquez\\_will\\_our\\_kids\\_be\\_a\\_different\\_species?language=pt-br](https://www.TED.com/talks/juan_enriquez_will_our_kids_be_a_different_species?language=pt-br). Acesso em: 18 jul. 2019.

<sup>19</sup> Do original: We can reprogram life. How to do it wisely. Disponível em: [https://www.TED.com/talks/juan\\_enriquez\\_we\\_can\\_reprogram\\_life\\_how\\_to\\_do\\_it\\_wisely?language=pt-br](https://www.TED.com/talks/juan_enriquez_we_can_reprogram_life_how_to_do_it_wisely?language=pt-br). Acesso em: 18 jul. 2019.

<sup>20</sup> Do original: What will humans look like in 100 years? Disponível em: [https://www.TED.com/talks/juan\\_enriquez\\_what\\_will\\_humans\\_look\\_like\\_in\\_100\\_years?language=pt-br](https://www.TED.com/talks/juan_enriquez_what_will_humans_look_like_in_100_years?language=pt-br). Acesso em: 18 jul. 2019.

de uma "gambiarra" em uma extensão de tomada elétrica, flutuando em uma piscina, para ilustrar ironicamente o que significam as políticas econômicas que levaram à crise daquele momento, feitas no improviso e com risco visível, como o circuito elétrico em contato com a água. Os elementos gráficos, as imagens de sua apresentação são hipertextos que provocam a vinculação do orador com a atenção de sua plateia, e as reações de risos permeiam, de tempos em tempos, a narrativa.

Seu argumento é orientado pela noção de *re-boot*, traduzida pela necessidade de se reiniciar processos para contornar as crises – nesse ponto, o arco narrativo vai da economia para pesquisas genéticas e projetos de robôs, até chegar à espécie humana. Enriquez ilustra sua fala com a metáfora do poder de regeneração das células-tronco, para tratar do ponto principal de suas teses: a retomada da teoria da evolução das espécies de Charles Darwin para dar suporte a três tendências que ele aponta, a saber: "a habilidade em manipular micróbios, a habilidade em manipular tecidos, e a habilidade em projetar robôs começam a levar a um '*re-boot*'", que vão resultar em uma nova espécie humana:

[...] o que nós vamos ver é uma espécie diferente de hominídeos. Eu acho que iremos nos mover do *Homo sapiens* para o *Homo evolutis*. E eu penso que isto não está 1.000 anos adiante. E penso que muitos de nós vamos entrevistá-lo, e nossos netos irão começar a vivenciá-lo (ENRIQUEZ, 2009).<sup>21</sup>

O mais curioso da narrativa de Enriquez é a conexão entre economia, ciências biológicas e tecnologia de ponta, tendo como centro a imagem do homem do futuro. Essa conexão, que ficaria apenas sugerida, complementa-se com a noção de evolução lida pelo viés econômico: "[...] enquanto fazemos cortes [nos investimentos financeiros do Estado], nós também temos que crescer. Entre outras coisas, porque as empresas de '*start-up*' representam 0,02% do investimento do PIB dos EUA e cerca de 17,8% da produção" (ENRIQUEZ, 2009). Regeneração, *re-boot*, da economia e da

espécie humana – de alguma forma, esse hominídeo do futuro teria o poder de regenerar a economia, conduzi-la de forma mais evoluída? A natureza e o sistema financeiro se fundem – seria esse homem um empreendedor do futuro, em estágio mais avançado que os seres humanos que conduzem o sistema neoliberal contemporâneo? As conexões ficam sugeridas, implícitas.

Em "Nossas crianças serão uma espécie diferente?" (ENRIQUEZ, 2012), o futurista tem como ponto de partida o *Big Bang*, a grande explosão que teria dado início à formação da galáxia e o nascimento das estrelas, há cerca de 14 bilhões de anos. As imagens científicas, das simulações desse acontecimento na natureza, são o cenário do começo da fala. Seu recurso de especialista se revela na explicação, em tom simplificado, de fenômenos científicos complexos, que servem como "uma boa história que começou há muito tempo" (ENRIQUEZ, 2012). De forma breve e novamente mobilizando o circuito dos afetos felizes, Enriquez narra a formação do planeta Terra, e destaca que

[...] a vida é destruída, não uma, nem duas vezes, mas cinco vezes. Assim, quase toda a vida na Terra é aniquilada aproximadamente cinco vezes. E enquanto pensamos sobre isso, o que acontece é que temos cada vez mais complexidade, cada vez mais material para construir coisas novas (ENRIQUEZ, 2012).

A questão que Enriquez lança é: "podemos evoluir?". A estratégia narrativa do futurista, assim como na palestra anterior, é jogar com as temporalidades, estabelecendo um diagnóstico presente e lançando ideias de um futuro possível, no caso da crise econômica. Aqui, o passado mais remoto, a origem do universo é a perspectiva diacrônica para se construir a ideia de que o presente, esse momento contemporâneo à fala, é mais um estágio em uma cadeia evolutiva. Enfim, se a vida na Terra foi destruída cerca de cinco vezes, por que não poderíamos evoluir, promover a nossa reinvenção?

O discurso científico (descrições e explicações sobre a formação da galáxia; dos projetos de manipulação de células-tronco etc.) novamente é

<sup>21</sup> As palestras de Juan Enriquez estão disponíveis na íntegra, legendadas e transcritas em português, no site do TED. Os trechos aqui citados são extraídos desse material, que é acessível nos links das referências completas. Disponível em: [https://www.TED.com/talks/juan\\_enriquez\\_shares\\_mindbogging\\_new\\_science](https://www.TED.com/talks/juan_enriquez_shares_mindbogging_new_science). Acesso em: 18 jul. 2019.

mobilizado, como elemento que caracteriza um sistema especialista que legitima o palestrante, mas também como cenário, como *futureescape* a partir do qual o homem é diagnosticado no presente e projetado para além. Outra pergunta é lançada, para promover a conexão com as ideias posteriores: “estamos vendo uma rápida evolução do cérebro e de como processamos dados?” (ENRIQUEZ, 2012). A ideia de uma evolução da mente humana é tratada, para chegar novamente à conclusão articulada com sua tese evolucionista para o futuro:

Penso que estamos fazendo uma transição para o *Homo Evolutis* que, de um jeito ou de outro, não é apenas um hominídeo que é consciente de seu ambiente, é um hominídeo que está começando, direta e deliberadamente, a controlar a evolução de sua própria espécie, das bactérias, das plantas, dos animais. E penso que é uma mudança de tal ordem de magnitude que seus netos e bisnetos podem ser uma espécie muito diferente de vocês (ENRIQUEZ, 2012).

A tese de Enriquez sobre o *Homo Evolutis*, dessa forma, tem parentesco com a ideia dos futuros desejáveis, ao considerar que até o processo de evolução humana pode ser produzido pelo homem. Estamos em um cenário futuro em que o homem é a origem e o objeto do que pode ser produzido no mundo que está por vir. A mutação genética seria decorrente de um projeto de potencialização do homem, retomando, em outros termos, a ideia do progresso, revestida da noção repaginada da evolução das espécies de Darwin. A (pseudo)utopia de Enriquez tem um viés pragmático e marcadamente ideológico.

Em “Podemos reprogramar a vida. Como fazê-lo de forma sábia” (ENRIQUEZ, 2015), há um passo adiante nessa grande narrativa futurista, uma narrativa de transformação que versa sobre a humanidade, que articula economia, ciência genética, robótica, entre outros campos de conhecimento, identificada com a imagem do narrador e sua forma de humanizar esse percurso, de promover empatia e despertar interesse, risos, ideias e inspiração na plateia. A noção central que articula sua fala é o “design inteligente”, descrito de forma didática neste trecho da fala:

O que é lifecode? Lifecode são as diversas formas de programar a vida. Em vez de programarmos computadores usamos coisas para programar vírus, retrovírus, proteínas, DNA, RNA, plantas, animais, uma série de criaturas. Enquanto pensamos sobre esta habilidade incrível de conduzir a vida a fazer o que queremos, o que ela está programada para fazer, o que acabamos fazendo é pegar o que temos feito por milhares de anos, que é procriar, mudar, misturar, combinar todos os tipos de formas de vida, e nós as aceleramos (ENRIQUEZ, 2015).

O recurso retórico da ponderação, da apresentação do reverso da leitura positiva da evolução humana, modificada pelas descobertas científicas e pela capacidade de “programar a vida”, traz a voz do outro para a reflexão:

Lifecode se revela ser um superpoder. Revela-se uma maneira incrivelmente poderosa de modificar vírus, de modificar plantas, animais, talvez até de nos evoluir. [...] Como toda tecnologia poderosa, [...] isto pode ser potencialmente usado indevidamente, e isso assusta muitas pessoas (ENRIQUEZ, 2015).

No entanto, o futurista segue a “virar Darwin de cabeça para baixo”, conforme suas próprias palavras, ao passar da “seleção natural” para a “seleção artificial” (ENRIQUEZ, 2015). Nesse e em momentos similares, Enriquez flerta com o gênero da ficção científica, e, mesmo insinuando haver um olhar distópicos na sociedade, reafirma a sua utopia baseada na ciência em perspectiva neo-evolucionista. A “não aleatoriedade”, a “programação” da vida, o domínio do *lifecode* - e, por consequência, o domínio do futuro - são temas tratados com estranha naturalidade, leveza e com a afirmação de um princípio ético, uma missão a ser assumida pela humanidade, de produzir uma nova narrativa do homem, orientada e escrita por si mesmo. Em suas palavras, a discussão parece simples, sem maiores conflitos, mas há problemas complexos implícitos: não seria essa uma leitura extrema daquilo que falava Foucault, a respeito da gestão de si? O homem não estaria sendo projetado nesse cenário como um empreendedor de si mesmo, narrativizado pelo gênero da ficção científica? Enriquez conclui de forma apoteótica sua fala, como uma convocação para seu grande auditório global:

Esta é a aventura mais empolgante em que os humanos já embarcaram. Este é o maior superpoder que os humanos já tiveram. Seria um crime não participarmos dela porque ela nos assusta, porque estamos nos escondendo dela. Podemos participar na ética, na política, nos negócios. Podemos participar pensando nos caminhos da medicina, da indústria, para onde levaremos o mundo (ENRIQUEZ, 2015).

Observemos que o super-homem de Nietzsche é atualizado para os novos tempos, e para uma perspectiva de futuro que se baseia em princípios científicos, mas que vai além, pois prega uma revisão geral da existência humana em termos evolucionistas – seja na “ética, na política, nos ne-

gócios”, nos caminhos do mundo, enfim. Ao colocar essa questão como algo da ordem de um “crime” contra a humanidade, se essa grande transformação humana, via programação do *lifecode*, não for realizada, Enriquez mobiliza o circuito dos afetos do medo, na perspectiva tratada por Safatle (2015).

Por fim, chegamos à palestra mais recente do *corpus*, intitulada “Qual será a aparência dos humanos em 100 anos?” (ENRIQUEZ, 2016). A imagem que sintetiza as ideias da narrativa é o homem vitruviano de Leonardo da Vinci, repaginado para atender à leitura do Homo Evolutis desenvolvida pelo futurista (Figura 2).

**Figura 2** – Imagem da apresentação de Juan Enriquez no TED Summit (2016)



**Fonte:** Captura de tela, na área Galeria de palestrantes no site do TED.<sup>22</sup>

A palestra é iniciada com a pergunta: “É ético aprimorar o corpo humano?” (ENRIQUEZ, 2016). O seu arco narrativo tem como ponto inicial a noção de prótese, de incorporação de um artefato inorgânico ao corpo humano. Vemos aqui os ecos de teses sobre o pós-humano; o recurso de contar uma história, de estabelecer um eixo diacrônico para chegar a um futuro imaginado, é representado pela imagem da primeira prótese, que remonta à Idade Média.

O curioso é que o percurso narrativo passa da noção de prótese para voltar à modificação do corpo humano, por meio da ciência genômica. Novamente, a questão do risco é mobilizada: “E muitas pessoas têm medo desse tipo de coisa. Parece assustador e há riscos envolvidos nisso. Então por que afinal iríamos querer fazer isso? Por que iríamos querer alterar o corpo humano de forma significativa?” (ENRIQUEZ, 2016).

Seu argumento se apoia em informações científi-

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.TED.com/about/our-organization>. Acesso em: 18 jul. 2019.

cas para afirmar outra ideia de risco, que suplantaria o que fica sugerido no trecho acima – da transformação humana para fins que não do bem comum. Imagens e gráficos científicos ancoram uma reflexão que afirma a urgência de se encampar pesquisas genéticas como a missão de transformar o ser humano para sobreviver ao inevitável, a sua extinção:

Mas estamos falando sobre um redesenho realmente radical e uma das coisas mais interessantes que aconteceu na última década é que se descobriu toda uma gama de planetas lá fora. Muitos podem ser parecidos com a Terra. O problema é que se quisermos um dia ir a esses planetas, os objetos humanos mais rápidos, Juno, Voyager e todas estas outras coisas, demoram dezenas de milhares de anos para chegar ao sistema solar mais próximo. Se queremos começar a explorar praias em algum outro lugar ou ver dois pores do sol, então estamos falando sobre algo bem diferente, porque é necessário mudar a escala de tempo e o corpo humano de formas que podem ser absolutamente irreconhecíveis. E essa é a civilização Vida Quatro (ENRIQUEZ, 2016).

O cenário da narrativa conduz a humanidade à necessidade incontornável de um êxodo planetário, uma nova experiência de descoberta de um Novo Mundo – para o qual precisamos

redesenhar a espécie, defender como princípio ético a transformação da vida, em resposta à pergunta que dá início à fala. A radicalidade do processo é afirmada em meio à mobilização do circuito dos afetos em torno do medo; o tom adotado nesse momento é mais dramático, a conclusão da palestra é catártica, densamente emotiva, configurando-se em uma conclamação à salvação da humanidade (Figura 3). A narrativa articula uma espécie de utopia salvacionista com a legitimação, a defesa aberta de experiências genéticas que não são consensuais, que geram dúvidas, percepções de risco. Dessa forma, sua expressão tem um caráter ideológico que se contrapõe à natureza utópica das ideias:

Essa foto foi tirada a 6 bilhões de milhas de distância e ali está a Terra. E somos todos nós. E se essa pequena coisa acabar, toda a humanidade acaba também. [...] E é por isso que, de fato, é antiético não aprimorar o corpo humano, mesmo que isso possa ser assustador e desafiador, mas é isso que nos permitirá explorar, viver e chegar a lugares que nem mesmo sonhamos hoje, mas nos quais os filhos de nossos tataranetos poderão chegar algum dia (ENRIQUEZ, 2016).

**Figura 3** – Imagem da apresentação de Juan Enriquez no *TED Summit* (2016)



é antiético não aprimorar o corpo humano,

**Fonte:** Captura de tela, na área Galeria de palestrantes<sup>23</sup> no site do *TED*.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.TED.com/about/our-organization>. Acesso em: 18 jul. 2019.

## Considerações finais

O percurso narrativo de Juan Enriquez, apreendido em quatro momentos distintos no palco da *eloquência eletrônica* dos *TED Talks*, mostra a trajetória que vai da economia ao futuro, da gênese da galáxia e da vida na Terra ao futuro, das primeiras próteses ao futuro. E que futuro é esse? O futuro da manipulação genética, do *design inteligente*, da transformação radical do corpo humano, baseada no salvo conduto "ético" sustentado pelo circuito dos afetos do medo. O medo da extinção humana, narrativizado por leituras do passado, é combinado com a perspectiva eufórica, entusiasta da busca científica para elaborar uma narrativa de transformação do futuro. O futuro em que o homem é o centro da evolução, o seu manipulador e o seu próprio objeto; um futuro que é projetado como uma construção individualizada, por mais que se traga um "nós", uma ideia de humanidade, para encampar esse processo.

A estratégia narrativa serve como forma de legitimação de uma centralidade dos cientistas na condução da vida humana para o futuro, e não uma construção coletiva, o *futurity* baseado em princípios democráticos. Em última instância, a grande narrativa de transformação trazida por Enriquez aponta para a exigência de se empreender um novo corpo, um novo ser humano, que seja resistente, navegador planetário, senhor absoluto de seu futuro. Enfim, projeta-se o homem do futuro nos moldes do empreendedor de alta *performance* (EHRENBERG, 2010): o sujeito resiliente, flexível, que não encontra limites para sua atividade. Um indivíduo fictício, diga-se de passagem, uma vez que os modelos dessa cultura são seres de carne e osso, revestidos por narrativas heroicas. No entanto, o papel da narrativa na cultura empreendedora é fundamental para atribuir o estatuto da autenticidade a essa imagem hiperbólica de quem é identificado como empreendedor.

O futuro desejável sugerido pela fala de Enriquez nos é apresentado como via única, como destino incontornável, inevitável. A dimensão política dessa leitura – que envolve interesses corporativos globais, estratégias de Estado, entre outros embates travados em torno do futuro – é

dissimulada em favor da sensibilização narrativa, do engajamento e da inspiração para um projeto de sociedade que é, em última instância, aderente aos princípios do capitalismo de mercado, pois supõe uma "mão invisível" a regular a ciência em função do bem comum, e não dos interesses particulares. Nesse ponto, identificamos os paradoxos da relação entre utopia e ideologia discutidos por Mannheim e Ricoeur; se, por um lado, temos narrativas que remetem a um gênero de utopia, seu caráter é ideológico, uma vez que, como procuramos demonstrar pelas análises, há a recorrência de lógicas de uma sociedade neoliberal que corresponde ao paradigma de nosso tempo. Vistas nessa perspectiva, as palestras de Enriquez reforçam o *status quo*.

Em síntese, o exercício do futurismo que emerge da cultura empreendedora, do mercado de palestras, consultorias, *coaches*, revela-se como a produção de narrativas que se ancoram em sistemas especialistas, em diagnósticos do presente e construções de cenários futuros, e na identificação de tendências, como recursos retóricos para a defesa de pontos de vista, de visões parciais do que é a experiência humana, em sua grandeza e complexidade. Enfim, esse futuro é uma construção, um projeto de sociedade que serve a interesses privados, que não pode e nem deve ser naturalizado, tido como única alternativa possível.

Em meio à naturalização desse futuro imaginado e mercantilizado, deixam-se de lado as mazelas humanas de um contexto contemporâneo que mais se adequa ao histórico lema da mais paradigmática banda do movimento *punk* dos anos 1970, os *Sex Pistols*: "*no future*". Um mundo regido pelas lógicas neoliberais, de desmonte de leis trabalhistas, de políticas sociais, de Estado mínimo, de princípios econômicos elevados à ordem de dogmas religiosos. Um mundo que celebra seus heróis bem sucedidos (alguns poucos) e relega ao esquecimento uma multidão de fracassados, de marginalizados, de seres inadequados a esse futuro sonhado por empreendedores, empreendedores de palco, analistas simbólicos e suas narrativas.

## Referências

ANGENOT, Marc. **El discurso social**: los límites históricos de lo pensable y lo decible. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010.

APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura global**: nacionalismo, globalização e modernidade. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 311-327.

BRUNER, Jerome. The narrative construction of reality. **Critical Inquiry**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22654/14611>. Acesso em: 18 jul. 2019. <https://doi.org/10.1086/448619>

CARRICO, Dale. Futurological discourses and posthuman terrains. **Existenz**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 47-63, fall 2013. Disponível em: <https://existenz.us/volumes/Vol.8-2Carrico.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.

CASAQUI, Vander. Esboços e projetos da sociedade empreendedora: mundo conexonista, sociabilidade e consumo. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, set./dez. 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22654/14611>. Acesso em: 18 jul. 2019. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.3.22654>

CRIE FUTUROS. Apresentação do projeto. Disponível em: <http://laladeheinzelin.com.br/crie-futuros/>. Acesso em: 18 jul. 2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DRUCKER, Peter F. **Inovação e espírito empreendedor**: prática e princípios. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida: Idéias & Letras, 2010.

ENRIQUEZ, Juan. **The next species of human**. Apresentação no TED Conference oficial, fev. 2009 (18min50s). Disponível em: [https://www.TED.com/talks/juan-enriquez\\_shares\\_mindboggling\\_new\\_science](https://www.TED.com/talks/juan-enriquez_shares_mindboggling_new_science). Acesso em: 18 jul. 2019.

ENRIQUEZ, Juan. Will our kids be a different species? Apresentação no TEDx Summit, realizado em Doha, Qatar, abr. 2012 (16min48s). Disponível em: [https://www.TED.com/talks/juan-enriquez\\_will\\_our\\_kids\\_be\\_a\\_different\\_species?language=pt-br](https://www.TED.com/talks/juan-enriquez_will_our_kids_be_a_different_species?language=pt-br). Acesso em: 18 jul. 2019. <https://doi.org/10.1037/e581462012-001>

ENRIQUEZ, Juan. **We can reprogram life**. How to do it wisely. Apresentação no TED Talks Live, nov. 2015 (14min49s). Disponível em: [https://www.TED.com/talks/juan-enriquez\\_we\\_can\\_reprogram\\_life\\_how\\_to\\_do\\_it\\_wisely?language=pt-br](https://www.TED.com/talks/juan-enriquez_we_can_reprogram_life_how_to_do_it_wisely?language=pt-br). Acesso em: 18 jul. 2019.

ENRIQUEZ, Juan. **What will humans look like in 100 years?** Apresentação no TED Summit, jun. 2016 (15min45s). Disponível em: [https://www.TED.com/talks/juan-enriquez\\_what\\_will\\_humans\\_look\\_like\\_in\\_100\\_years?language=pt-br](https://www.TED.com/talks/juan-enriquez_what_will_humans_look_like_in_100_years?language=pt-br). Acesso em: 18 jul. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Birth of biopolitics**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2008.

GALLO, Carmine. **TED**: falar, convencer, emocionar: como se apresentar para grandes plateias. São Paulo: Saraiva, 2014.

HARARI, Yuval N. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HOBSBAWM, Eric. **A era das revoluções** (1789-1848). São Paulo: Paz e Terra, 2007.

JUAN ENRÍQUEZ. In: Wikipedia. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Juan\\_Enr%C3%ADquez](https://en.wikipedia.org/wiki/Juan_Enr%C3%ADquez). Acesso em: 18 jul. 2019.

KEDROWICZ, April A.; TAYLOR, Julie L. Shifting rhetorical norms and electronic eloquence: TED Talks as formal presentations. **Journal of Business and Technical Communication**, [S. l.], v. 30, n. 3, p. 352-377, 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/298424148\\_Shifting\\_Rhetorical\\_Norms\\_and\\_Electronic\\_Eloquence\\_TED\\_Talks\\_as\\_Formal\\_Presentations](https://www.researchgate.net/publication/298424148_Shifting_Rhetorical_Norms_and_Electronic_Eloquence_TED_Talks_as_Formal_Presentations). Acesso em: 18 jul. 2019. <https://doi.org/10.1177/1050651916636373>

LAPOUJADE, David. Desprogramar o futuro. In: NOVAES, Adauto (org.). **O futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições SESC, 2013. p. 233-246.

MANNHEIM, Karl. A mentalidade utópica. In: SOUSA, Cidival M. de (org.). **Um convite à utopia**. Campina Grande: EDUEPB, 2016, p. 47-134. <https://doi.org/10.7476/9788578794880.0003>

MENA, Isabela. Verbete Draft: o que é futurismo. **Projeto Draft**, 9 ago. 2017. Disponível em: <https://projetodraft.com/verbete-draft-o-que-e-futurismo/>. Acesso em: 18 jul. 2019.

NOVAES, Adauto. Mundos possíveis. In: NOVAES, Adauto (org.). **O futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições SESC, 2013. p. 11-39.

RICOEUR, Paul. **A ideologia e a utopia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SALTMARSHE, Ella. Using story to change systems. **Stanford Social Innovation Review**, 20 fev. 2018. Disponível em: [https://ssir.org/articles/entry/using\\_story\\_to\\_change\\_systems?utm\\_source=Enews&utm\\_medium=Email&utm\\_campaign=SSIR\\_Now&utm\\_content=Title](https://ssir.org/articles/entry/using_story_to_change_systems?utm_source=Enews&utm_medium=Email&utm_campaign=SSIR_Now&utm_content=Title). Acesso em: 18 jul. 2019.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2007.

STACKELBERG, Peter von; JONES, Ruth Eira. Tales of our tomorrows: transmedia storytelling and communicating about the future. **Journal of Futures Studies**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 57-76, mar. 2014. Disponível em: <https://jfsdigital.org/wp-content/uploads/2014/04/183-A05.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.

TED. Our organization. Disponível em: <https://www.TED.com/about/our-organization>. Acesso em: 18 jul. 2019.

*TED* Speaker: Juan Enriquez, futurist. Disponível em: [https://www.TED.com/speakers/juan\\_enriquez?language=pt-br](https://www.TED.com/speakers/juan_enriquez?language=pt-br). Acesso em: 18 jul. 2019.

WEF. **The Global Risks Report 2018**: 13th Edition. Geneva: World Economic Forum, 2018. Disponível em: [http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_GRR18\\_Report.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_GRR18_Report.pdf). Acesso em: 18 jul. 2019.

---

## Vander Casaqui

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil; pós-doutoramento pela Universidade Nova de Lisboa; professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), em São Bernardo do Campo, SP, Brasil

---

## Endereço para correspondência

Vander Casaqui  
Universidade Metodista de São Paulo  
Campus Rudge Ramos  
Rua Alfeu Tavares, 149  
Rudge Ramos  
São Bernardo do Campo, SP, Brasil